



O menino karateca

■ ARY NELSON DA SILVA JR.

Era uma manhã de sábado com muito sol na Vila Brás, em São Leopoldo. A temperatura aumentava gradativamente, trazendo sensação de verão para aquela manhã de primavera.

Na sede da Associação dos Moradores da Vila Brás - criada em 1981 - há 28 anos, um evento esportivo de karatê movimentava a juventude (*leia mais na página 8*). A iniciativa era promover e estimular os jovens para esse esporte, que é uma arte milenar, baseada na defesa pessoal e na

evolução interior.

Durante a apresentação, um menino, com aproximadamente 12 anos, demonstrava os golpes com perfeição. No seu rosto via-se a expressão da concentração. Tinha as características de um atleta, um jovem atleta, em formação.

Assim, no término da performance, recebeu uma medalha dos organizadores do evento, vinculados à Federação Gaúcha de karatê.

Enquanto isso, na avenida principal, muitos estudantes de jornalismo da Unisinos transitavam buscando pautas, realizando

matérias e interagindo com os moradores. Também distribuía a mais recente edição do jornal comunitário Enfoque Vila Brás.

Foi então que nós, eu e alguns colegas, avistamos aquele menino, o futuro atleta. Caminhava com passos alegres e trazia no peito, com orgulho, a medalha que tinha ganhado no evento esportivo. No seu rosto, um sorriso aberto, a expressão máxima da felicidade.

No caminhar, parava seguidamente para lembrar a apresentação, refazer os golpes, demonstrar sua habilidade. O karatê é um esporte que exercita o corpo e a

mente, desenvolvendo a coordenação motora e o condicionamento físico, fazendo com que seus golpes sejam articulados, performáticos.

O karatê ensina a defesa pessoal, mas, principalmente, prega a paz através do esporte. Com isso, o menino voltava para casa com um grande estímulo, uma medalha no peito e o sonho de ser um atleta brasileiro.

Devido às carências do bairro, na Vila Brás ainda não há um ginásio coberto para a prática de esportes como karatê, judô, vôlei, basquete, handebol, entre outros. Desse modo, o menino vai

ter que enfrentar as dificuldades da vida para, quem sabe, realizar seu sonho.

Um sonho possível, pois todos os desejos são possíveis quando agimos com dedicação e trabalho.

Infelizmente, o menino vive em um país que não estimula os jovens a praticarem esportes, não oferece condições e estrutura para isso. Porém, é o mesmo país que vai sediar os jogos Olímpicos de 2016.

Naquela manhã quente de sábado, ele ganhou, talvez, sua primeira medalha. Era o início da sua coleção. Até 2016, o menino karateca da

Vila Brás, com 18 ou 19 anos, poderá ser um dos representantes do Brasil na Olimpíada no Rio de Janeiro.

E, quem sabe, não tenhamos outros atletas da Vila Brás no handebol, no vôlei, no futebol, entre outros.

Com apoio e participação municipal para erguer um ginásio, junto com a mobilização da comunidade, na Olimpíada do Rio poderemos ter uma delegação exclusiva da Vila Brás.

Eu acredito que, além do jovem karateca, existam outros talentos. E eles podem ser os futuros atletas do Brasil. Os novos ídolos do país.

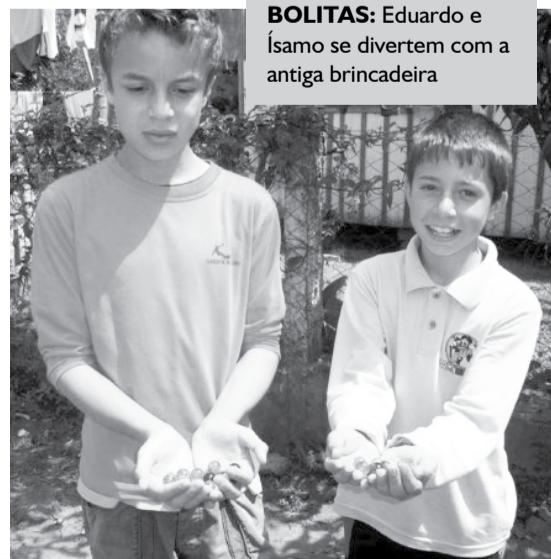
Como é boa a infância...

■ PATRÍCIA SPIER

Nas ruas da Brás ainda se vê brincadeiras à moda antiga, como o jogo de gude. Quem nasceu antes dos anos 1990 sabe que esta atividade, ao menos nas grandes cidades, não se encontra mais. Porém, enquanto nossa reportagem procurava histórias sobre a enchente, se deparou com dois garotos na Rua 13. Eles estavam às gargalhadas com as dezenas de bolinhas de vidro que compraram por cinco e dez centavos. Mas Ísamo Rodrigues, de 11 anos, que cursa

a quinta série, diz que acha muita caro. "Poxa, essas bolitas são tri pequenas e tri caras", reclama.

O mais velho dos dois, Eduardo Knewitz, 12 anos, diz que lembra que ninguém os ensinou a brincadeira. "Jogamos um monte. Aprendemos sozinhos", ri. Em tempos de videogames caros, bicicletas que poucos podem comprar, os dois amigos dizem que não precisam de muito. Eles sabem se divertir, seja jogando bola, jogando peão ou com as bolitas, mesmo Ísamo achando o preço salgado demais.



BOLITAS: Eduardo e Ísamo se divertem com a antiga brincadeira

Foto: PATRÍCIA SPIER

GABRIEL RAMOS



Você conhece o Alfenor?

■ AMANDA FETZNER

Poucos conhecem o comerciantes Alfenor Ferreira de Barros, 60 anos. Mas certamente muitos já conversaram ou compraram alguma coisa do mercado do Bichão. Desde recém nascido, é assim que Alfenor é chamado. "A comadre da minha mãe perguntou para a parteira se o bebê era menino ou menina. Ela

respondeu que era um bichão, e o apelido ficou", conta o comerciante.

Bichão diz que nunca se importou em ser chamado assim e que, entre os sete irmãos, todos têm apelido. José chamam de Juca. Aldino é mais conhecido por Coco. Alfenor, porém, ganhou o mais curioso. Amigos, familiares, professores, todos sempre o chamaram de Bichão,

até a esposa. "Só minha mãe me chamava pelo nome", lembra.

Por sempre estar envolvido com as ações do Sindicato dos Plásticos, tomando a frente nas atividades, o industrial Luís Machado Soares, de 44 anos, passou a ser chamado de Cabeça. O apelido o acompanha há mais de 20 anos e, atualmente, é assim que a maioria das

pessoas o conhece, seja no trabalho ou na Brás.

Cláudio Adão Silva Nascimento é o verdadeiro nome do Chuletão. Comerciante de 42 anos, ganhou o apelido há dois anos devido à sua lancheria, que tem o mesmo nome. Ele não se importa de ser chamado de Chuletão, pelo contrário. "É bom, faz um marketing para a lancheria", observa.